

O mundo estava calado quando nós morremos: aspectos identitários em *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie

Lilia dos Anjos Afonso^[1], Vanessa Riambau Pinheiro^[2]

[1] liliadosanjos@gmail.com. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

[2] vanessariambau@gmail.com. Profª Adjunta da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras.

RESUMO

No ano de 2009, em uma conferência sobre tecnologia, entretenimento e design, Chimamanda Ngozi Adichie apresentou um discurso em que defendia a ideia de que as pessoas estivessem abertas a conhecer as múltiplas histórias existentes sobre os fatos que impactam a nossa sociedade, fugindo da ideia, na verdade do perigo de uma história única. Neste sentido, chama a atenção para o fato de que, geralmente, acreditamos que existe uma única versão dos fatos referentes às pessoas que formam um povo. Somos acostumados a ter essa única concepção, e é essa ideia que o texto de *Meio Sol Amarelo* (2006) tenta desfazer em relação aos nigerianos ou em relação aos povos que fazem parte da nação nigeriana. Pretendemos, neste artigo, analisar as concepções de identidade presentes na obra, sob a perspectiva dos acontecimentos que conduzem a narrativa. Para isso, apoiamos a nossa análise nas concepções de identidade de Bauman (2004) e Hall (2006). Este contexto analítico culmina na perspectiva das identidades fragmentadas do mundo pós-moderno e contemporâneo, e, sobre esta contemporaneidade, tomamos como base o pensamento de Agamben (2009). Estas concepções conduzem, portanto, à compreensão de que é preciso desfazer as ideias preestabelecidas sobre a África e os países que fazem parte da África, um continente composto de povos, interesses e costumes diversificados, o que, concomitantemente, nos leva a desfazer outras pré construídas que são estabelecidas em nossa sociedade ocidental.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. África.

ABSTRACT

*In 2009, at a conference about technology, entertainment and design, Chimamanda Ngozi Adichie presented a speech in which she advocated the idea that people should be open to the multiple existing stories about the facts that impact our society, fleeing from the idea, actually from the danger of one story only. In this sense, we focus our attention on the fact that we generally believe that there is only one version of the facts about people who form a people. We are used to having only this conception and this is what the text from *Meio Sol Amarelo* (2006) attempts to undo in relation to the Nigerians or in relation to the peoples that are part of the Nigerian nation. In this article we intend to analyze the conceptions of identity present in the work, from the perspective of the events leading up the narrative. In order to do so, we support our analysis in the conceptions of identity based on Bauman (2004) and Hall (2006). This analytic context culminates in the perspective of the fragmented identities of the postmodern and contemporary world, and, on this contemporaneity, we take Agamben's (2009) thinking as base. These conceptions lead, therefore, to the comprehension that it is necessary to undo the pre-established ideas about Africa and the countries that are part of Africa as a continent composed of diverse peoples, interests and customs, which concomitantly lead us to undo other pre-constructed established in our Western society.*

Keywords: Literature. Identity. Africa.

1 Introdução

O princípio deste século XXI acentua o processo comunicativo entre as mais diferentes sociedades; vivemos de fato o tempo real, em que sabemos de tudo a todo o momento e sobre todas as pessoas. Cabe, no entanto, a pergunta: seria a contemporaneidade apenas a representação do atual? Agamben (2009) chama a atenção para o movimento cíclico da contemporaneidade, em que o passado e o presente estão agindo de forma híbrida e complementar. O acesso ao conhecimento não pode estar dissociado de um passado que exerce grande influência nos acontecimentos da atualidade.

A partir deste contexto, Adichie (2009) apresentou um discurso em que defendia a ideia de que é imprescindível que as pessoas estejam abertas a conhecer as múltiplas histórias existentes sobre os fatos que impactam a nossa sociedade, fugindo do perigo de uma história única. Neste sentido, chama a atenção para o fato de que, geralmente, acreditamos que existe uma única versão dos fatos sobre a história e sobre as pessoas que formam um povo. No intuito de desconstruir essa visão homogênea, o texto de *Meio Sol Amarelo* (2006) tenta desfazer esta única concepção em relação aos nigerianos ou em relação aos povos que fazem parte da Nigéria, país retratado na obra.

A concepção textual da obra é fortemente marcada por um caráter histórico, durante o período de intensas transformações vivenciadas na Nigéria, na década de 1960; concomitantemente, o caráter identitário complexo dos personagens fica evidenciado como resultante desse período de efervescência. Isso corrobora a visão de Chaves (2004) que afirma ser a Literatura Africana de Língua Portuguesa totalmente marcada pelas transformações históricas, refletidas nos textos elaborados na atualidade.

Com a finalidade de estabelecer um recorte para delimitar um ponto específico deste texto, pretendemos neste artigo analisar as concepções de identidade presentes na obra, sob o viés dos acontecimentos que conduzem a narrativa. Para isso, apoiamos a nossa análise nas concepções de identidade de Bauman (2004) e Hall (2006). Este contexto analítico culmina na perspectiva das identidades fragmentadas do mundo pós-moderno e contemporâneo. Estas concepções conduzem, portanto, à compreensão de que é preciso desfazer as ideias preestabelecidas sobre a África e sobre os países que dela fazem

parte, enquanto um continente composto de povos, interesses e costumes diversificados, o que, concomitantemente, nos leva a desfazer outros conceitos pré construídos que são estabelecidos em nossa sociedade ocidental.

2 A outra história africana - nigeriana

Existe a crença do senso comum, alimentada pela visão ocidental, em uma imagem da África enquanto uma grande nação homogênea, arrasada por fome, guerra, e constituída por selvagens. Esta é uma visão limitada e que não leva em consideração o hibridismo, o multiculturalismo, o contraste entre as tradições e a modernidade de um continente retalhado pelas nações europeias no século XIX e constituído atualmente por 54 nações. Antes mesmo do processo denominado como neocolonialismo,¹ inúmeras tribos viviam de acordo com suas respectivas organizações sociais e estas eram as mais distintas possíveis. A interferência europeia acentuou ainda mais essas diferenças, conforme afirma Freitas (2012, p.349),

Cada tribo possuía suas próprias formas ancestrais de organização social. Algumas tribos eram mais receptivas à chegada do homem branco e suas ideias imperialistas de imposição de uma língua europeia comum; outras eram mais tradicionais e viam com suspeita a aproximação e difusão dos princípios culturais do colonizador inglês.

Neste sentido, temos claramente uma percepção da complexidade identitária desses povos, que muitas vezes é camuflada em detrimento de uma visão generalizada a partir de uma história contada superficialmente. De acordo com Chaves (2004, p.147), a interferência das nações europeias marcou as transformações sociais destes povos.

A brusca ruptura no desenvolvimento cultural do continente africano, o contato com o mundo ocidental estabelecido sob a atmosfera de choque, a intervenção direta na organização de seus povos constituíram elementos de peso na

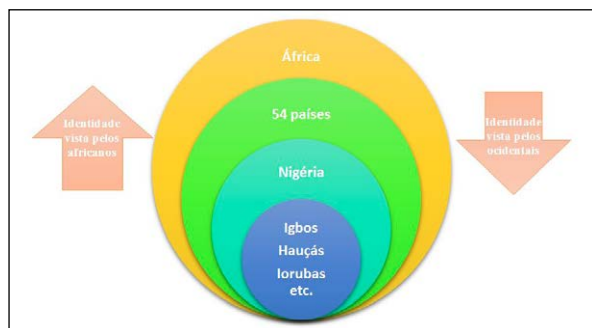
1 O processo neocolonial ganha essa nomenclatura porque, após esgotadas as explorações sobre o continente americano, os olhos dos europeus se voltaram para o continente africano, em meados do século XIX.

reorganização das sociedades que fizeram a independência de cada um de seus países.

Se estabelecermos um paralelo, metafóricamente, entre as camadas de uma cebora e a visão ocidental sobre o continente africano, veremos que essa visão confere a esse continente um olhar para a casca, enxergando apenas superficialmente uma grande nação de identidade homogeneizada, ideia comprada pelos demais continentes que não conhecem a história contada pela perspectiva dos africanos (e das nações africanas). Adichie (2009), Teotônio (2015) alertam que não basta observar o lado da história contada sobre os africanos apenas considerando a fome, as guerras ou até mesmo estes povos como selvagens. É necessário olhar outros contextos multiculturais e de grande diversidade nesta constituição. Novamente utilizando a metáfora da cebola², esse olhar vem de camadas profundas, proveniente de uma história de raízes bem mais antigas, anteriores, inclusive, ao processo colonial.

Trazendo para o contexto do livro *Meio Sol Amarelo*, a figura 1 a seguir sintetiza essa diferença de perspectivas, apresentando a visão superficial ocidental da África como sendo um grande país e a visão complexa a partir do olhar do africano para a sua própria constituição identitária, partindo da visão micro dos povos que constituem as diversas nações.

Figura 1– Metáfora da identidade fragmentada: percepção do ocidente x percepção dos povos africanos



Fonte: Elaboração própria.

2 O termo metáfora da cebola é utilizado por diversos campos do conhecimento, como o marketing, o jornalismo e a educação. Para a autoria do artigo, considera-se uma adaptação da ideia de Meken e Garcia (2010), através de uma visão acerca dos estudos das várias camadas nos processos decisórios sobre a linguagem. A metáfora, no entanto, pode ser adaptada de acordo com o propósito adotado. No caso deste artigo, tomamos a liberdade de observar o fenômeno de nossa investigação a partir do ponto de vista histórico e literário.

Adichie (2006) procura, por meio da literatura, mostrar a perspectiva dos próprios Igbos para o momento crucial vivenciado na década de 1960. Este período pós-colonial foi fomentado sobre inúmeras fissuras geradas pela alternância de poder entre os Hauçás/Igbos/Iorubas na alternância de poder na região criada pelos ingleses, hoje Nigéria. Incitada esta difícil convivência pelos britânicos e tendo em vista as diferenças sociais, políticas e culturais, esses povos desencadearam sucessivos golpes de Estado e, por fim, o conflito separatista Nigéria-Biafra (1967-1970). A representação geográfica do território, após a separação, é apenas um dos motivos de discórdia entre os Igbos e Hauçás, conforme é possível ver na figura 2, na seqüência.

Figura 2 – Território do conflito Nigéria-Biafra (1967-1970)



Fonte: Google maps.

O Norte estava inquieto: temia o domínio do Sul, bem mais instruído, e sempre quis separar-se dos sulistas infieis. Entretanto os britânicos tinham de manter a Nigéria como ela era — uma criação deles de alto valor, um grande mercado, um espinho no olho da França. Para favorecer o Norte, ajeitaram as eleições pré-independência em favor do Norte e redigiram uma nova constituição que dava aos nortistas o controle sobre o governo central. O Sul, ansioso pela independência, aceitou a constituição. Com os britânicos fora, haveria coisas boas para todo mundo: salários de “branco” há muito negados aos nigerianos, promoções, altos car-

gos. Nada foi feito em relação ao clamor dos grupos minoritários, e as regiões já estavam competindo tão ferozmente que algumas queriam ter embaixadas estrangeiras separadas. Em 1960, na época de sua Independência, a Nigéria era um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho. (ADICHIE, 2006, p.129)

Esse frágil fecho foi rompido com a iminente guerra. Além das diferenças culturais, a belicosidade do conflito foi sustentada pelo interesse econômico. O território separatista de Biafra, localizado ao sul, continha grandes quantidades de petróleo, o que serviu de argumento para que os Britânicos, antigos colonizadores, se posicionassem a favor da porção norte do território e contra o movimento separatista. De acordo com Freitas (2012, p. 349) “A Guerra de Biafra, nesse sentido, foi uma tentativa dos Igbos de construir uma nação longe dos Hauçás, os quais foram responsáveis pelo desencadeamento de dois golpes com uma centena de mortes de Igbos no norte do país”. Forsyth (1977, p.112) ainda era um escritor iniciante quando testemunhou in loco o desenrolar das ações do conflito,

Um dos argumentos principais contra a política dos biafrenses e a favor da política de guerra nigeriana visando a esmagá-los é a de que o rompimento de Biafra destruiu a unidade de um estado feliz e harmonioso, que o General Gowon, da Nigéria, está agora tentando restaurar. Na verdade, a Nigéria jamais foi unida ao longo de todos os anos do período pré-colonial; e durante os 60 anos de colonialismo e os 63 meses da Primeira República somente uma fina camada de verniz encobriu a desunião básica.

Adichie (2006) sintetiza o desfecho do conflito, ao indicar que seu resultado foi desfavorável à Biafra, enfraquecida após três anos de guerra e sem o apoio efetivo de organismos internacionais. A única ajuda com a qual contava era proveniente de instituições humanitárias que forneciam provisões, muitas vezes insuficientes para aplacar a fome que se alastrava no território biafrense. O único reconhecimento dado ao movimento separatista estava nas histórias aterrorizantes contadas por revistas e jornais que abordavam apenas um lado da história, sem relatar, de forma pormenorizada, como a situação chegou a um limite insustentável. A partir de tais publicações, a visão homogeneizada foi a que prevaleceu, e Biafra

viu-se sem saída, derrotada pelos Hauçás, que, na verdade, estavam amparados pelos Britânicos.

3 A identidade no pós-modernismo

O cenário de incerteza estabelecido é o elo que Adichie (2006) cria entre as transformações sociais e o impacto sobre a vida das personagens principais de *Meio Sol Amarelo*. A divisão do romance em quatro partes, intercaladas entre o início e o fim dos anos 1960, mostrou inicialmente um cenário de efervescência e de esperança, dada, a expectativa de que, após a saída da Inglaterra, finalmente o povo nativo iria novamente guiar o próprio destino, embora todos fossem sabedores de que a influência inglesa deixara marcas definitivas naquela sociedade, inclusive, na construção da identidade desses povos. Essa influência é retratada na literatura, tal como afirma Teotônio (2015, p. 3)

as literaturas africanas, assim como outras, tentaram afirmar as identidades de seus países, saqueados culturalmente pelo colonialismo, culminando num movimento nacionalista e de resistência.

Adichie (2006) apresenta personagens de origens diversas e pertencentes às classes sociais distintas, desde os mais ricos e influentes (Olanna, Kainene), intelectuais (Odenigbo, Srta. Adebayo) até os paupérrimos que se admiravam com as necessidades mais básicas de sobrevivência humana (Ogwu). Conferiu espaço até mesmo a um personagem não africano, mas com forte relevância no contexto desenvolvido na história (Richard). A partir do perfil deste último, analisaremos as concepções identitárias em vigor naquela sociedade fragmentada, de acordo com Hall (2006) e Bauman (2004).

De acordo com o perfil traçado por Adichie (2006), Richard, inglês, criado em tenra idade pela babá, fica órfão aos 9 anos, passando a viver com a tia e com os primos cujo comportamento era muito diferente do seu. Essa ruptura molda continuamente as suas ações, sempre permeadas de incerteza, acompanhando suas (in)decisões até a vida adulta. Podemos perceber essa lembrança remota em um dos trechos em que Richard dialoga com Kainene sobre a sua origem:

– Comecei a pensar em fugir no dia em que cheguei lá.

- E fugiu?
- Muitas vezes. Eles sempre me achavam. Às vezes na mesma rua
- E para onde estava fugindo?
- O quê?
- Para onde estava fugindo?
- Richard pensou um pouco. Sabia que estava fugindo daquela casa cheia de retratos de gente morta havia muito tempo olhando para ele. Mas não sabia para onde estava fugindo. Será que as crianças pensam nisso?
- Quem sabe eu estava correndo de volta para a Molly. Não sei. (ADICHIE, 2006, p. 53-54)³

A vida adulta, como jornalista e escritor sem grandes êxitos, o leva a viagens pelas colônias inglesas no continente africano, mais especificamente na Nigéria, onde se estabelece, com o plano de escrever um livro sobre a arte de *Igbo-Ukwu*, ideia que vai aos poucos sendo modificada, ora pela incipiente iniciativa de Richard, que não sabia ao certo o que fazer, ora pelos desdobramentos da guerra na sociedade nigeriana, que modifica totalmente as ações de Richard e os seus interesses. A convivência com os Igbos e o conflito separatista Nigéria-Biafra contribuem para a complexidade da identidade de Richard, que é constantemente fragmentada. Esse perfil identitário inconstante é assim definido por Hall (2006, p.13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

Para este autor, a construção da identidade parte de três concepções diferentes atribuídas a sujeitos distintos em períodos diferentes da história. O *Sujeito do Iluminismo* – centrado, unificado, racional, consciente; o *Sujeito Sociológico* – não autônomo, relacionado ao outro, interativo na relação entre o

“eu” e a “sociedade”; e, o *Sujeito Pós-moderno* – fragmentado, com várias identidades e contradições em torno da concepção de identidade que é criada e transformada a todo momento. Não tem identidade fixa.

Esta última concepção pode ser facilmente associada ao processo identitário construído em torno dos personagens. No caso do personagem Richard, essa concepção é ainda mais acentuada, dado que ele se sente como um “africano de verdade”, rejeitando a sua origem britânica e a não semelhança para com a visão ocidental. De forma específica, encontramos duas passagens no texto em que essa ligação com a luta, ao lado dos então biafrenses, reforça em Richard um sentimento de pertencimento para com aquele povo.

Na primeira passagem, Richard revela o incômodo em receber dois jornalistas americanos que apresentavam em seus respectivos discursos uma visão equivocada do conflito que se desenrolava. Em meio ao diálogo, um dos jornalistas percebe que a fala de Richard constantemente está permeada por um nós, como se ele fosse tão Igbo quanto aqueles que se empenhavam na luta.

- E o que Biafra está fazendo a respeito do petróleo, agora que perdeu o porto?, perguntou o ruivo.
- *Continuamos* extraindo petróleo de alguns campos em que ainda temos controle, em Egbema, disse Richard, sem se dar ao trabalho de explicar onde ficava Egbema. “Levamos o óleo cru para as nossas refinarias durante a noite, em caminhões sem farol, para evitar os aviões bombardeiros.
- Você não pára de dizer *nós*, disse o ruivo.
- Exato, eu não paro de dizer *nós*. Richard deu uma olhada para ele. “Já estive na África, antes?
- Não, é a primeira vez. Por quê?
- Só queria saber. (ADICHIE, 2006, p.302)

Em outro trecho, quando o próprio Richard revela a sua ligação e identificação com os biafrenses, repete o *nós*, deixando surpresa, inclusive, a sua namorada Kainene. Nesse trecho, temos, inclusive, uma ironia para com os seus compatriotas. Nesse momento, o sentimento de pertencimento e ligação com os Igbos é ainda mais forte.

3 As páginas sinalizadas nas citações diretas e ou indiretas do livro *Meio Sol Amarelo* correspondem à versão digital em .pdf. As citações foram mantidas com a grafia original da tradução.

– Mais tarde, quando ambos já tinham sido levados às pressas até a pista, corrido até os aviões, e os aviões decolado na luz que acendia e apagava, Richard descobriu o título do livro: O mundo estava calado quando nós morremos. Escreveria esse livro depois da guerra, uma narrativa da difícil vitória de Biafra, uma acusação para o mundo. De volta a Orlu, contou a Kainene sobre os jornalistas, a raiva e o dó que sentira do ruivo, a solidão inacreditável que sentira na presença deles e de como o título do livro viera de supetão.

– Ela arqueou as sobrancelhas. “Nós? O mundo estava calado quando nós morremos?”

“– Vou fazer questão de anotar que as bombas nigerianas evitaram com o maior cuidado qualquer um com passaporte britânico”.

– Kainene riu. (ADICHIE, 2006, p. 304)

É neste momento que Richard se afasta definitivamente de sua concepção de identidade ocidental/europeia/britânica e apresenta a fragmentação de sua identidade enquanto sujeito pós-moderno. Ele é composto pelo hibridismo das experiências que viveu e em um momento crucial formata um novo ser. Esta nova afirmação identitária é transformada através do contato com os nigerianos/biafrenses e pela guerra que acaba por modificar todas as concepções que antes ele tinha sobre si mesmo e sobre a sua função como escritor.

Esse afastamento de Richard em relação aos britânicos se deve ao fato de que a sua visão particular dos fatos é perpassada pela realidade que está vivenciado. Ninguém contou a história para ele, pois ele mesmo vivencia a história e assim é influenciado por ela. A sua fragilidade e incerteza do passado são reduzidas ao passo que se torna consciente dessa nova identidade que está adotando. Sobre essa transição identitária, Bauman (2004, p.17) afirma:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Se antes Richard tencionava escrever sobre a cultura africana – com ajuda da observação dos

vasos criados pelos *Igbo-Ukwu* – com o advento da guerra, o seu pensamento e sua identidade são transformados, o que importa é retratar a forma como o mundo – as outras nações – não se importavam com o que estava acontecendo com os biafrenses neste momento. A sua gente, branca, ocidental, educada e civilizada, estava calada enquanto eles os biafrenses (e ele, Richard) morriam. Não eram afetados apenas pela morte física mas também pela indiferença.

O Richard escritor quer, então, apresentar ao mundo que deles se esqueceu uma visão dos fatos que não seja contada pelo ponto de vista ocidental – ainda que ele seja ocidental – oferecendo ao mundo uma segunda versão da história, embora não venha a concretizar a ideia de escrever o livro. Isso se deve ao fato de como essa condição identitária de Richard se desenvolve, totalmente perpassada pela convivência com os biafrenses. Por via da língua *Igbo* que ele aprendera, caracteriza-se o gesto simbólico do ser que ele então se tornara – tão biafrense quanto todos aqueles que acreditavam no ideal da nova e frágil nação. E nessa insegurança se misturam nação e personagem, em busca de um sentido pelo qual existir: a nação por meio daqueles que lutavam pela sua soberania, e Richard por intermédio das palavras que teimavam em não tomar forma mediante o caos e a incompreensão do cenário em que se encontrava.

4 Considerações finais

A partir da leitura e análise do livro *Meio Sol Amarelo* (Adichie, 2006), ressaltamos que dois recortes foram enfatizados, dada a pretensão deste artigo. Inicialmente, procuramos ressaltar as histórias que são equivocadamente contadas sob o olhar ocidentalizado da história sobre o Continente Africano.

Na sequência, ao escolhermos analisar Richard – personagem da história –, procuramos ressaltar o caráter identitário dos personagens existentes, que, em meio ao conflito Nigéria-Biafra, têm suas identidades fragmentadas enquanto sujeitos inseridos em um contexto pós-moderno, conforme contrastamos com o estudo de Hall (2006). O autor chama a atenção para as paisagens sociais do mundo contemporâneo. Estas paisagens, constituídas por sujeitos em transformação, “estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais”. (HALL, 2006, p. 12). Esse é o cenário desenvolvido na Nigéria no final dos anos 1960; no entanto, é um reflexo do que aconteceu (e acontece) em outras nações, de condições sociais diversas e culturas distintas.

Adichie (2006), por meio de uma obra ficcional, desperta a atenção para esta problemática que afetou de forma definitiva o seu povo, reverberando desdobramentos que tornaram a Nigéria a nação que é na atualidade. As identidades culturais que, de acordo com Hall (2006), são provisórias, variáveis e problemáticas, são ressaltadas pela autora nos personagens apresentados, objetivando alertar para a necessidade de que nós, leitores, saibamos outras histórias, fugindo do perigo de uma versão única da história africana.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. **Via atlântica**, n. 7, p. 147-161, 2004. Disponível em: < CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. *Via atlântica*, n. 7, p. 147-161, 2004. >. Acesso em: 15 maio 2016.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story [O perigo de uma única história]**. 2009. Disponível em: < https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br >. Acesso em: 20 de junho de 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006..

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó-SC: Editora Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FORSYTH, Frederick. **A História de biafra o nascimento de um mito africano**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

FREITAS, João Felipe Assis de. Guerra de Biafra: as imagens de uma tragédia refletidas no espelho social. In: Seminário Internacional de Literatura Afrolatina. 1., **Anais...** Uberlândia-MG: EDUFU-UFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_33.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Chimamanda Ngozi Adichie: por outras histórias da África. **Revista LitCult**, v. 8, 2015. Disponível em: <<http://litcult.net/chimamanda-ngozi-adichie-por-outras-historias-da-africa/>>. Acesso em: 09 maio 2016.